

# **CYBERBULLYING: INCIDÊNCIA E A RELAÇÃO COM AS REPRESENTAÇÕES DE SI EM ADOLESCENTES**

Thais Cristina Leite Bozza (GEPEM/UNICAMP/UNESP)

thaisbozza@hotmail.com

Luciene Regina Paulino Tognetta (GEPEM/UNICAMP/UNESP)

Explicar as características de ações violentas e os comportamentos daqueles que se envolvem em situações de *bullying* e *cyberbullying* - vítimas, autores ou apenas aqueles que assistem com indiferença e relutância o sofrimento de outrem, parece ser um caminho para vencer as formas pós-modernas de estar longe de relações éticas. Nesse sentido, essa investigação descritiva, de caráter exploratório, fundamentada na teoria construtivista piagetiana tem como principal objetivo constatar a possível correspondência entre as representações que os sujeitos têm de si e o envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no site de relacionamento “Orkut”. Outro objetivo a que nos determinamos, é caracterizar as relações e os possíveis protagonistas de *cyberbullying*. A amostra para tal investigação foi constituída de 63 adolescentes de 14 anos, estudantes do 9º ano do Fundamental II, da rede pública de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo, escolhidos aleatoriamente para responder um questionário por escrito com perguntas abertas e fechadas. Os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente e os resultados apontam para uma correspondência entre o fato de não serem autores de *cyberbullying* aqueles adolescentes cujas representações de si são caracterizadas por conteúdos éticos – aqueles que admiram valores morais como a justiça e a generosidade e, portanto, são capazes de incluir os outros em suas ações; bem como nos possibilitam caracterizar os protagonistas dessa violência.

**Palavras-chave:** *cyberbullying*; educação; psicologia moral; ética.

## **INTRODUÇÃO**

As manifestações violentas dentro das escolas se intensificaram nos últimos tempos, levando educadores, pais e alunos a buscarem ajuda fora dela para tentar superar essa crise. Tais cenas denotam o cotidiano de uma instituição que parece estar mais preocupada com os conteúdos acadêmicos e menos atenta ao que mais prejudica e intensifica os problemas de aprendizado: os problemas afetivos e as relações interpessoais dos alunos. Nesse paradoxo,

assistimos constantemente lamentações pela existência de conflitos ligados à falta de respeito e indisciplina, ao mesmo tempo em que assuntos como a formação ética e moral dos alunos detém pouco espaço no contexto das aulas que refletem a preocupação com um currículo acadêmico cujos métodos ainda são em grande parte mecanizados (CORTELLA; LALAILLE, 2009; TOGNETTA; VINHA, 2010)

Uma pesquisa recente (TOGNETTA ; VINHA, 2009) evidenciou que a maioria dos jovens contemporâneos só consegue se indignar quando uma injustiça ou uma agressão ocorre com alguém próximo a eles, como alguém da família ou algum amigo, alguém que faz parte do campo privado e não de qualquer ser humano. Isso significa que esses jovens não estão dispostos a buscar uma vida boa “com e para” o outro, e sim, somente para si e para “alguns outros, poucos”. Nesse contexto, são corriqueiras situações nas quais indivíduos são ofendidos, insultados, agredidos, e porque não dizer já que assistimos atemorizados a cenas de violência extrema na tragédia do Realengo (em que um jovem, ex aluno da escola, invade tal instituição, atirando e matando veementemente a alunos e funcionários), assassinados.

Uma manifestação violenta contida nesse espaço social tem chamado a atenção de pesquisadores no mundo todo: o *bullying*. Chamamos de *bullying* uma forma de maltrato em que um aluno, longe dos olhos do adulto, promove uma ação violenta e repetitiva com a intenção de magoar, ofender, intimidar, ameaçar outro aluno (1). No entanto, com o advento da tecnologia, no auge de um momento histórico em que as formas de relações sociais entre as pessoas se tornam cada vez mais virtuais, essa mesma forma de violência atravessa as fronteiras da escola, ou mesmo da família em que pequenas violências domésticas estão presentes: o *cyberbullying*. Jovens “anteados” como eles mes-

---

<sup>1</sup> É preciso esclarecer que bullying não se trata de uma forma de violência somente entre alunos e sim, entre pessoas que mantém igual peso de autoridade, entre pares. Na escola, o fenômeno é acentuado pela possibilidade maior da convivência entre esses iguais. Maiores discussões sobre a definição do fenômeno em Tognetta e Vinha (2009).

mos se definem se apresentam como peças fundamentais quando se estuda esse fenômeno.

Essa nova realidade de relações interpessoais, explicitadas pelas inúmeras formas de relacionamento virtual, tem sido alvo de investigações que nos trazem a tona um novo desafio contemporâneo que é compreender as manifestações violentas nesse meio. Isso posto, nosso objetivo vai ainda mais longe ao propormos essa discussão: se são formas de desrespeito, as ações de *bullying* e *cyberbullying*, são elementos que denotam a falta da moral. Assim, se para agir moralmente é preciso um querer que corresponde a manter uma boa imagem de si, como já comprovaram outras pesquisas anteriormente apresentadas (TOGNETTA ; LA TAILLE, 2009) podemos nos indagar: haveria uma correspondência entre as imagens que o sujeito tem si e suas ações na internet quando protagonizam o *cyberbullying*? Tais indagações nos levam a essa presente investigação.

Em todo o mundo, pesquisas revelam que entre 5% a 35% dos alunos estão envolvidos no fenômeno *bullying*. O Professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen (Noruega) foi o pioneiro nos estudos sobre o fenômeno, na década de 70. Em 1993, publicou o livro “Bullying at School” que deu origem a Campanha Nacional Anti-bullying e com o apoio do Governo Norueguês, reduziu em cerca de 50% os casos nas escolas e ainda incentivou outros países a desenvolverem suas próprias ações. No Brasil, os estudos de Fante, desde 2000, apontam a presença de *bullying* entre 20% a 30% de alunos de escolas públicas e particulares. Tais estudos foram provocativos a outros atuais, que encontram os mesmo indícios em outras regiões, alargando-se o conhecimento da incidência esse fenômeno em escolas brasileiras (TOGNETTA ; VINHA, 2009; MASCARENHAS, 2009; PLAN, 2010). Protagonizam tais cenas de violência o autor, a vítima e o espectador fundamental para a continuidade do conflito.

E quanto ao *cyberbullying*? Teremos as mesmas características?

Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial - o *cyberbullying* - uma forma dissimulada de *bullying*, em que as agressões são virtuais. É caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos. Avilés (2009) o define como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e comunicação, em espaços virtuais”. (p. 79)

Apresenta particularidades que o diferem de agressões presenciais e diretas e interessantemente, o tornam um fenômeno que nos parece ainda mais cruel, pois, diferentemente do assédio presencial, não há necessidade das agressões se repetirem. O assédio se abre a mais pessoas rapidamente devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais, invadindo os âmbitos de privacidade e segurança. Mason (2008) aponta que a cada 10 adolescentes, 8 usam a internet em casa, o que significa que o *Cyberbullie* pode agredir sua vítima quando não está na escola ou nas proximidades dela, e portanto o lar pode não ser mais um refúgio seguro e os agressores não precisam mais de um local físico para molestar a vítima. No entanto, para algumas vítimas, a internet pode ser um lugar de vingança, podem ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidos pessoalmente. Para os que só observam a internet abrange um número muito maior de espectadores que podem fazer um pré-julgamento da vítima.

Os autores intimidam suas vítimas através de dois principais artefatos: computadores e telefones celulares. Conduzimos recentemente uma pesquisa com adolescentes entre 13 a 15 anos, alunos de duas escolas públicas de Campinas, que responderam a perguntas sobre o uso da internet. Constatamos que 64% desses jovens têm acesso à internet em casa, 17% fica conectada até 6 horas por dia, 44% acessam preferencialmente o Orkut e 32% o MSN. Os dados demonstram que os adolescentes, quando estão em casa, passam muito

tempo conectados à internet e em grande parte desse tempo se relacionam com outros sujeitos a partir de sites e programas de conversas instantâneas (ZAMBONI ; BOZZA, 2010).

Outra pesquisa recente realizada pela organização não governamental PLAN (2010) com 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos nos mostra que 17% já foram vítimas de *cyberbullying* . Desses, 13% foram insultados pelo celular e os 87% restantes por textos e imagens enviados por e-mail ou via sites de relacionamento. Em tempos atuais é comum o jovem possuir um ou mais telefones celulares e ter acesso muitas vezes ilimitado e sem controle à internet, portanto, indivíduos, com intenções maliciosas, encontram grande facilidade de ameaçar ou insultar o alvo. E mesmo que lhe falte a intenção maledicente, há ainda uma espécie de “tornar normal” ou naturalizar essas formas de abuso, uma espécie de “desengajamento moral” (2) em que meninos e meninas, heterônomos acabam por justificar suas ações como “todo mundo faz” ou pela “moda” e, portanto, para “pertencer” a uma classe daqueles que estão “antenados” nos blogs, ou quaisquer outras formas de veiculação de suas intimidades ou de outrem.

Segundo Pradas (2006) a internet, de certa forma, desperta em alguns jovens o sentimento de que não existem normas e nem moralidade que regule a vida na rede de maneira que pode ser usada para o bem ou para o mal. Além de distanciar a vítima do agressor que se sente seguro já que não tem que estar cara a cara com o alvo, ainda traz conseqüências terríveis a quem sofre as agressões. O mesmo autor diz que embora se pareça com as conseqüências do *bullying*, os danos causados às vítimas de *cyberbullying* são ainda maiores, pois a internet garante o anonimato daquele que agride o que dificulta os mecanismos de respostas e proteção a esse tipo de humilhações.

---

<sup>2</sup> Bandura trata deste termo para explicar as ações e reflexões de um sujeito que tenta justificar suas escolhas não morais (IGLESIAS, 2008).

Como explicar essas características de ações violentas e os comportamentos daqueles que se envolvem em situações de *bullying* e *cyberbullying*? A Psicologia Moral apresenta algumas considerações que podem ser discutidas a partir da presente investigação que agora apresentamos.

### **HAVERIA UMA CORRESPONDÊNCIA ENTRE A IMAGEM QUE O SUJEITO TEM DE SI E O ENVOLVIMENTO NO FENÔMENO *CYBERBULLYING* NO SITE DE RELACIONAMENTO “ORKUT”?**

Pois bem, a identidade ou a imagem que o sujeito tem de si no mundo virtual é uma extensão do que ele é na “vida real”. Nesse contexto a Moral e a Ética tem um papel extremamente importante diante das relações existentes também no Ciberespaço. Dentre os inúmeros meios virtuais existentes no Ciberespaço, escolhemos o Orkut, como principal site de análise para esta investigação, visto que, é o site preferido entre os adolescentes, principais sujeitos de nosso estudo.

Um dos objetivos desta pesquisa é investigar se há relação entre a imagem que o sujeito tem de si e o envolvimento no fenômeno *cyberbullying* no site de relacionamento “Orkut”. Outro objetivo a que nos determinamos é caracterizar as relações e os possíveis protagonistas de *cyberbullying*.

Como método de investigação, utilizamos um questionário escrito aplicado nas escolas selecionadas aleatoriamente da rede pública de ensino de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Este questionário foi dividido em duas partes, a primeira se refere à caracterização das “representações de si” dos adolescentes entrevistados, baseada em estudos anteriores (TOGNETTA e LA TAILLE, 2009), cujo sentimento de admiração é a principal ferramenta de estudo. A segunda parte se refere ao uso do Orkut como meio para a prática do *cyberbullying*. Nosso instrumento de investigação foi elaborado tomando como base outro questionário sobre *cyberbullying*, desenvolvido por professores da

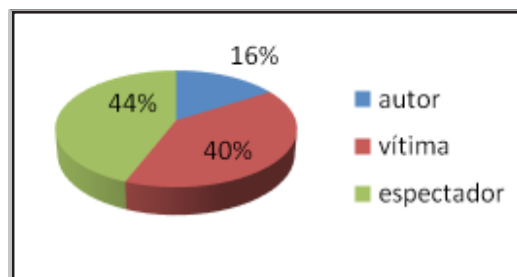
Faculdade de Educação da UNICAMP, membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (TOGNETTA et al, 2009).

Escolhemos duas escolas públicas dessa cidade do interior paulista, e aplicamos os questionários em uma sala de 8ª série de cada escola. A escolha foi aleatória. Os 63 jovens pesquisados têm em média 14 anos e 92% possuem *Orkut*. O objetivo era que esses jovens respondessem as duas partes do questionário. A maioria dos alunos respondeu as duas partes e posteriormente cruzamos os dados, a fim de verificar se os valores que os indivíduos admiram e que integram as imagens que o sujeito tem de si, estão relacionadas ao fato de que esses sujeitos sejam alvos, agressores, ou espectadores de manifestações violentas no *Orkut*.

Para atender a tais fins, os resultados obtidos foram agrupados em dois estudos que correspondem aos dois objetivos traçados. Acreditamos ser mais conveniente apresentar primeiramente as características do fenômeno *cyberbullying* para então depois estabelecer as relações com as representações de si.

### ESTUDO 1: A CARACTERIZAÇÃO DO *CYBERBULLYING* NO ORKUT.

Pudemos constatar que 20 alunos já foram vítimas de intimidações por meio do *Orkut*; 08 alunos já intimidaram outra pessoa, usando para isso o *Orkut*; e 22 conhecem alguém que já tenha sido vítima de intimidações por meio do *Orkut* conforme demonstra a figura a seguir:



**Figura 1 .** Quantidade de autores, vítimas e espectadores de *cyberbullying* no rkut

Passemos a analisar cada uma dessas categorias.

#### Categoria A – Os autores de cyberbullying

Do total de nossa amostra, 16% dos alunos disseram já terem sido autores de *cyberbullying* no Orkut. Destes, 25% disseram ter usado esse meio eletrônico para esse fim 01 vez, 12% usaram de 02 a 03 vezes, 25% usaram de 04 a 10 vezes e 38% disseram usar o Orkut para insultar alguém mais de 10 vezes. Ao usar esse meio 62% dos autores de *cyberbullying* o fazem identificando-se, 13% usando pseudônimo, e 25% anonimamente.

#### Categoria B – Alvos ou vítimas de cyberbullying

Os alunos que disseram que já foram agredidos ou intimidados por meio do Orkut somam 40%. Destes, 65% disseram que foram alvo apenas 01 vez, 15% de 02 a 03 vezes, e 20% mais de 10 vezes. No entanto, quase ninguém ficou sabendo, pois 90% das vítimas não contaram aos adultos; 50% porque não deu importância ao fato, 15% acharam que as agressões não teriam continuidade, e 10% não quiseram falar a respeito.

#### Categoria C- Espectadores

44% dos alunos disseram conhecer alguém que já foi vítima desse tipo de agressão por meio do Orkut. Desses, 36% adotaram a postura de permanecer “quieto”, 4% divulgaram a mensagem para outras pessoas, 13% contaram para os colegas, 13% “fizeram que não viram”, 18% conversaram com a vítima, 9% tomaram outra atitude e ainda 4% não fizeram nada.

Cumprido o primeiro objetivo desta presente investigação quanto a caracterizar as experiências de *cyberbullying* entre os sujeitos dessa pesquisa, passemos agora a discutir o tema central desta investigação: encontraremos uma correspondência entre essas características apresentadas e as representações que os sujeitos têm de si? É o que passamos a discutir com nosso segundo estudo.



## **ESTUDO 2: A CORRESPONDÊNCIA ENTRE REPRESENTAÇÕES DE SI E *CYBERBULLYING***

Para responder a nosso problema sobre a possível correspondência entre a violência na internet chamada de *cyberbullying* e as representações que os sujeitos entrevistados têm de si, as respostas às perguntas sobre o que admiram em outras pessoas e o que podem admirar em si foram organizadas em três categorias segundo nossos estudos anteriores (TOGNETTA ; LA TAILLE, 2009). Acrescentamos duas novas categorias, a primeira para aqueles que não conservam a mesma característica nas respostas das duas questões, o que significa que não há uma manutenção das imagens que o sujeito tem si; e a segunda relativa à ausência de respostas, pois a apresentação dos dados da pesquisa realizada com 150 adolescentes brasileiros e suíços já apontava para um futuro interesse nas respostas deixadas em branco ou em que os sujeitos afirmavam não terem o que admirar.

Dos alunos que participaram da pesquisa 18 deram respostas que foram consideradas de caráter individualista, 23 deram respostas cuja admiração é pelo estereótipo social, e 08 deram respostas nas quais o outro está incluído, que apontam para um “caráter ético”, 15 não conservam as mesmas características nas duas respostas e 11 não responderam por que não sabiam ou não quiseram responder.

Passemos a caracterizar cada uma das categorias encontradas.

**Categoria 1 – As respostas que se referem a certo individualismo**

Dos 63 alunos que participaram da pesquisa, 18 ou 28% (12 meninos e 06 meninas) deram respostas que foram consideradas de caráter individualista, em que não há a inclusão do outro. Destes, considerados individualistas, 16% disseram já terem insultado alguém através do Orkut, 27% foram vítimas de insultos através do Orkut e 38% disseram conhecer alguém que já foi vítima.

Categoria 2 – As respostas que se referem a conteúdos de caráter estereotipado

Dentre o total de alunos, 23 (10 meninos e 13 meninas) deram respostas cuja admiração apresenta um conteúdo estereotipado: aqueles que correspondem a traços de caráter convencionais, tomados como “modismos” ou tornados popularmente comuns entre comunidades ou culturas ou então, nas respostas dadas, não há clareza quanto a estarem se referindo a valores que podem e devem ser relacionados a qualquer pessoa. Muitas vezes, nesta categoria, encontramos respostas que trazem já conteúdos éticos, mas ainda vinculados a relações próximas ou apenas ao bem a si. Destes alunos, 9% disseram ser autores de *cyberbullying*, 31% vítimas e 31% espectadores.

Categoria 3 – As respostas que apresentam um caráter ético

Dos 63 alunos, apenas 08 ou 12% deram respostas consideradas éticas, nas quais o outro está incluído, para quem a “vida boa” inclui virtudes morais. Interessantemente, nenhum dos alunos que apresentaram caráter ético afirmou usar o Orkut para agredir alguém, 62% disseram já terem sido vítimas desse tipo de agressão e 25% disseram conhecer alguém.

A última categoria (éticos) é a que apresentou maior percentual de vítimas (62%). E de acordo com nossa hipótese inicial os alunos que deram respostas consideradas éticas não são autores de *cyberbullying*. Parece-nos que eles conseguem incluir o outro em suas ações e priorizar os valores morais.

Categoria 4 - aqueles que não conservam a mesma característica nas respostas das duas questões:

Verificamos que 23% dos alunos não conservaram a mesma característica em suas respostas, e, portanto, conforme nossos estudos anteriores (TOGNETTA ; LA TAILLE,2009) tal fato sugere que não há uma manutenção

das imagens que o sujeito tem si. Destes alunos, 18% já agrediram alguém, usando para isso, o Orkut, 25% já foram vítimas e 31% espectadores.

Categoria 5 - aqueles que não responderam por que não sabem ou não quiseram responder:

Observamos que 17% dos alunos não responderam a uma ou as duas questões, deixaram em branco, ou escreveram “não sei”. Atualmente, há uma pesquisa do Grupo de Psicologia e Educação Moral em desenvolvimento que investiga o porquê não sabem responder a essas questões. Reflete-se sobre a hipótese de que tais sujeitos tenham dificuldade de atribuir a si um valor. Por essa razão, acreditamos ser conveniente constatar quais foram as características das respostas apresentadas por esses meninos e meninas. Vejamos que destes, 18% disseram ter agredido alguém usando o Orkut para isso, 36% já foram vítimas desse tipo de agressão e 46% espectadores.

## **EM RESUMO, COMPARANDO TODAS AS CATEGORIAS ENCONTRADAS**

Para finalizar a apresentação dos resultados que encontramos em nossa investigação decidimos estabelecer mais algumas comparações agora tomando o ponto de vista daqueles que afirmam já terem sido vítimas, agressores ou já assistiram ou souberam de agressões na internet: o que cada grupo admira ou quais suas representações de si?

*Do ponto de vista das vítimas...*

Em relação às características admiradas pelas vítimas, 20% deram respostas consideradas individualistas, 32% estereotipadas, 20% éticas, 16% não responderam e 12% não conservam a mesma resposta para as duas questões.

Essas mesmas características são também marcadas para os que são espectadores e autores de *cyberbullying*? É o que veremos.

*Do ponto de vista dos espectadores...*

44% dos alunos disseram conhecer alguém que já foi vítima desse tipo de agressão por meio do Orkut. Quais seriam as representações que meninos e meninas que são espectadores têm de si? Desses, grande parte deram respostas que foram consideradas individualistas e estereotipadas.

*Do ponto de vista dos autores...*

Em relação ao que admiram, dos participantes que afirmam já terem sido autores de agressões na internet, 28% admiram características individualistas, 27% admiram valores de caráter estereotipados e nenhum deles se referiu à conteúdos morais admiráveis. 18% não responderam as características do que admiram e 27% não conservam a mesma característica nas duas respostas.

Esses dados parecem comprovar nossa hipótese inicial que os autores de *cyberbullying* não admirariam características éticas: são sujeitos que parecem incapazes de incluir ou ao menos se colocarem no lugar do outro. Ao mesmo tempo, são aqueles que apresentam maior porcentagem de respostas que não conservam a mesma categoria. Se nos lembrarmos de Piaget (1932/1994) esse autor nos esclarece que a “moral é conservação de valores”. Dessa forma, autores de *cyberbullying* são sujeitos que permanecem heterônomos, pois não conseguem conferir a si e aos outros, um valor moral.

Enfim, nossos resultados nos apontam para a existência de uma correspondência entre as representações de si e como agem na internet os participantes dessa pesquisa.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os elementos encontrados nos estudos confirmam que o *cyberbullying* está efetivamente presente na vida desses jovens, sejam eles vítimas, autores ou espectadores do sofrimento alheio. Pudemos confirmar nossa hipótese de que os alunos cuja admiração é por virtudes éticas em que há inclusão de si e do outro, não são autores de *cyberbullying*. Isso ocorre porque os valores morais como justiça, dignidade e generosidade são valores centrais para esses sujeitos, os quais são capazes de levar em conta os sentimentos alheios e assim agir moralmente.

Então, se é verdade que os autores de *bullying* não apresentam caráter ético, o que podemos fazer para se tornarem pessoas que buscam uma “vida boa” com e para o outro? É preciso construir espaços que abarquem a formação ética dos nossos alunos. Pouco adiantará puni-los, castigá-los, julgá-los, denunciá-los a polícia. O que precisamos é formar cidadãos que aspirem por uma personalidade ética vivenciando conflitos cotidianos e podendo ser agentes de sua própria resolução e que assim consigam se indignar, que saibam se colocar no lugar do outro, que se sensibilizem com a dor alheia.

Nesse aspecto a escola tem um papel fundamental. Sabemos que esse tipo de violência se inicia em ambientes onde a convivência entre pares é intensificada, ou seja, na escola. Sabemos também que suas preocupações centrais são com os conteúdos acadêmicos e, portanto os alunos não encontram espaço para discutirem seus problemas afetivos, falarem dos seus sentimentos, dos seus problemas decorridos de suas relações. Ora, se os alunos não podem discutir as questões que os afligem quando estão na escola, onde poderão discuti-los? A escola precisa e deve ajudá-los a se indignar, a compreender a dor do outro, a serem mais justos em suas ações para que possam se ver com valor. Isso porque quem se respeita sabe o limite da sua própria intimidade e, por

consequente, da intimidade do outro, o que nos falta veementemente quando o *cyberbullying* acontece...

Por certo, essa forma de violência virtual perpassa os muros da escola, contudo, há uma grande tarefa desta mesma instituição quando “forma” pessoas conscientes de seu papel. Afinal, essa é nossa maior contribuição.

## REFERÊNCIAS

AVILÉS, J. M. **Cyberbullying: Diferencias entre el alumnado de secundaria**. Boletín de Psicología, No.96, 2009, 79-96.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

CORTELLA, M, S; LA TAILLE, Y. **Nos labirintos da Moral**. 5ª edição. Campinas, SP. Papyrus 7 mares, 2009, 112 p.

IGLESIAS, F. Desengajamento moral. In: BANDURA, A.;AZZI, R.G.;POLYDORO, S.e cols.: **Teoria Social Cognitiva – conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed. 2008. (pp. 165-176).

LA TAILLE, Y. **Formação ética. Do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y.; TOGNETTA, L. R. P. **A formação de personalidades éticas: representações de si e moral**.2009. Disponível em:

< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722008000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722008000200007&script=sci_arttext) > Data de acesso: 07/12/2009

MASCARENHAS, S. A. N. Bullying e moralidade escolar: Um estudo com estudantes do Brasil. **Anais do Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral**. Campinas: Unicamp, 2009.

MASON, K. L. Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar. **Psychology in the Schools**, Vol. 45(4). Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1932/1994.

PLAN. Pesquisa: **Bullying Escolar no Brasil**. Relatório Final. São Paulo, 2010.

PRADOS, M. A. H. **Menores y riesgos en la Red. Un dilema para los padres**. III Congreso on line- Observatorio para la Cibersociedad.2006.

SANTOMAURO, B. Cyberbullying: Violência virtual. **Revista Nova Escola**. 2010. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br>. Acesso em 17/06/2010.

TOGNETTA, L.R.P. **A história da menina e do medo da menina. Suplemento especial para pais e professores ( bullying sob o olhar das vítimas)**. Coleção: Falando de sentimentos. Americana: Editora Adonis, 2010.

\_\_\_\_\_. **A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com a afetividade na escola**. Mercado das Letras. Campinas, SP. 2009, 183 p.

\_\_\_\_\_. **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos**. In: PONTES, A.; DE LIMA, V. S. Construindo saberes em educação. Porto Alegre: Zouk, 2005. p.11-32.

TOGNETTA, L.R.P; VINHA, T.P. **Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução**. In: Actas do 8º. Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. Anais eletrônicos, 2010, p.487-494.

\_\_\_\_\_. **Valores em crise: o que nos causa indignação**. In: LA TAILLE, Y & MENIN, M.S.S (org.) Crise de valores ou valores em crise? Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. **Estamos em conflito: eu, comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas**. 2008.

ZAMBONI, E., BOZZA, T. C. L. **Os jovens e a cultura contemporânea**. Relatório de pesquisa de iniciação científica, Faculdade de Educação, UNICAMP/FAPESP, 2010.